

LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA
ORGANIZADOR

EDUCAÇÃO

Dilemas contemporâneos
Volume IX



Pantanal Editora

2021

Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação
Dilemas contemporâneos
Volume IX



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Profa. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Profa. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris Argentele-Martínez	Tec-NM (México)
Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Profa. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes	IFB
Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Profa. Dra. Patrícia Maurer	UNIPAMPA
Profa. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes	UFG
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos	IFB
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume IX / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 60p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-99-4 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319994 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Com o nono volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos”, queremos continuar refletindo sobre as questões que são caras à educação de nosso país e, assim, esperamos contribuir com estudantes e profissionais da área da educação, a fim de que os debates propostos aqui sirvam para a construção das discussões e referenciais sobre a educação.

O capítulo intitulado *Gestão educacional na incorporação das tecnologias da informação (tics) nas práticas pedagógicas* objetiva refletir sobre a função do educador gestor durante a incorporação das TICs nas práticas pedagógicas.

Já o capítulo *Língua Estrangeira: ensinando as crianças* tem o objetivo de mostrar e discutir algumas pesquisas realizadas sobre o ensino de língua inglesa para as crianças.

O texto *Arqueologia pública e sociedade: contribuições da educação patrimonial em duas escolas do entorno de um sítio arqueológico no Sul de Santa Catarina* apresentará a experiência da educação patrimonial realizado no resgate do sítio arqueológico SC-ARA-001 Zulemar Maria de Souza, de Balneário Rincão.

Em seguida, será apresentado o texto *Considerações sobre a contação de histórias e a passagem para o letramento na educação infantil*. Essa reflexão é muito relevante, pois mostra como a contação de história, uma atividade totalmente lúdica, pode contribuir com o desenvolvimento das crianças no ambiente escolar.

Por fim, o capítulo *Atuação multidisciplinar no Centro de Atendimento Educacional Especializado* irá tratar de um tema muito caro à educação nacional: inclusão. Sem dúvidas, os desafios relacionados à inclusão ainda precisam ser superados – apesar de tudo, é preciso reconhecer que já houve avanços nesse sentido.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I	6
Gestão Educacional na incorporação das tecnologias da informação (TICs) nas práticas pedagógicas	6
Capítulo II	14
Língua Estrangeira: ensinando as crianças	14
Capítulo III	26
Considerações sobre a contação de histórias e a passagem para o letramento na educação infantil	26
Capítulo IV	35
Arqueologia pública e sociedade: contribuições da educação patrimonial em duas escolas do entorno de um sítio arqueológico no Sul de Santa Catarina	35
Capítulo V	44
Atuação multidisciplinar no Centro de Atendimento Educacional Especializado	44
Índice Remissivo	59
Sobre o organizador.....	60


Língua Estrangeira: ensinando as crianças

Recebido em: 01/09/2021

Aceito em: 08/09/2021

 10.46420/ 9786588319994cap2

Keyla Christina Almeida Portela¹ 

Marcia Dayana Fernandes² 

Tatiane de Oliveira³ 

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Estrangeira para Crianças (LEC) é uma realidade em todo o país. É possível perceber uma grande quantidade de escolas que ofertam aulas de LEC, principalmente na rede privada (Pires, 2011).

Hoje, vive-se em contato em uma sociedade globalizada, ou seja, em contato com distintas culturas e línguas, muitas vezes a comunicação dessas culturas ocorre por meio da língua inglesa.

Com isso, está se tornando mais comum e mais precoce o interesse pelo aprendizado de uma língua estrangeira (Rocha, 2006).

Todo ano percebe-se o aumento de oferta de curso de inglês para crianças, tanto em escolas de educação infantil quanto em instituições de idiomas. Esse aumento de cursos vem sendo estudado por pesquisadores como Carvalho (2007), Tombosi (2007), Tonelli (2008), Souza *et al* (2008), entre outros.

Diante desse fato, busca-se contribuir com pesquisas sobre o ensino de língua estrangeira para crianças (LEC), este artigo visa mostrar e discutir algumas pesquisas realizadas sobre o ensino de língua inglesa para as crianças. Este artigo está dividido em três partes. Primeiramente tenciona-se apresentar alguns trabalhos realizados por pesquisadores da área de língua estrangeira para crianças e trazer os conceitos da abordagem comunicativa que mostra que o aluno deixa de ser um mero receptor para tornar-se o responsável pelo seu aprendizado.

Em seguida, consta a metodologia utilizada para alcançar os objetivos deste trabalho. Para finalizar, são tecidas as considerações a partir das pesquisas sobre o ensino da língua estrangeiras para crianças no Brasil.

¹ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP. Mestre em Educação. Licenciada em Letras, Licenciada em Pedagogia e Secretariado Executivo. Docente do Ensino Superior – IFPR.

² Doutoranda em Educação (UFMT). Mestre em Educação (UFMT). Docente do Ensino Superior – IFMT.

³ Mestre em Gestão do Conhecimento (UNICESUMAR); Especialista em Gestão Empresarial (UNINOVE); Bacharela em Secretariado Executivo (UNILAGO). Docente do Ensino Superior – IFMT.

* Autora correspondente: keyla.portela@ifpr.edu.br

LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA CRIANÇAS

O êxito no ensino de língua estrangeira para crianças (LEC) ocorre por meio das influências que acontecem na sala de aula para um resultado significativo, pois uma boa interação com as crianças é suma importância para que ocorra uma aprendizagem e desenvolvimento (Vigotsky, 1987).

Uma metodologia de aprendizagem, por meio da interação, leva para uma formação do conhecimento entre estudante e docente e seus colegas. Para Lima (2008) a concepção do contato envolve dificuldades e sucessos no entendimento e no consenso das distintas perspectivas das crianças e no controle da interação por parte delas.

No Brasil, ensinar idiomas para crianças inicia-se no primeiro ciclo do ensino fundamental, principalmente, a língua inglesa. É a partir daqui que a criança expande a sabedoria de si própria e do mundo em que vive, aumenta uma visão assertiva e crítica dos distintos meios culturais e sociais, o que auxilia a integração de uma sociedade recém construída pelo uso da tecnologia e informação, com a intenção de firmar sua autoestima, o que auxilia a agir e a comunicar em uma língua estrangeira no meio social plurilíngue e pluricultural do qual está inserida.

Diante do exposto, a oferta de uma língua estrangeira nos primeiros anos escolares poderia estar relacionada a uma reconceitualização da infância (Oliveira, 2020). Aprender uma língua estrangeira no começo da vida, nos dias de hoje, não demonstra, dar início a um processo de preparo do aluno para a vida adulta, mas sim, pode ajudar a inseri-lo em um espaço social, consentindo atuar e interagir em um mundo como componente desse mundo enquanto criança, auxiliado pelo desenvolvimento e acesso tecnológico.

Para que o ensino da língua estrangeira tenha a possibilidade de ser significativo para a criança, a maioria das escolas poderia modificar a visão processual da infância e passar a dar mais valor a presença e a importância política, social e cultural do aprendiz no atual momento.

ABORDAGEM COMUNICATIVA

Quando se fala sobre abordagem comunicativa depara-se com os métodos comunicativos que possuem algumas especificidades, ou seja, o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira (Portela, 2006).

O ensino comunicativo traz consigo as tentativas de aprender utilizando-se atividades de real interesse e/ou necessidade do aprendiz para que ele consiga a utilizar para alcançar os objetivos de interação com outros falantes-usuários. Além disso, este ensino não toma as formas da língua descritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizar as experiências de aprender uma outra língua, embora não descarte a possibilidade de criar na sala momentos de explicação de regras e da prática rotineiras dos subsistemas gramaticais, como o dos pronomes, as terminações de verbos (Almeida Filho, 1998).

Portela (2006) apud Numan apud Brown (1994) lista cinco características da abordagem comunicativa:

- * uma ênfase no aprender a comunicar-se por meio da interação com a língua-alvo;
- * a introdução de textos autênticos na situação da aprendizagem;
- * a provisão de oportunidades para os alunos, não somente na linguagem, mas também no processo de sua aprendizagem;
- * uma intensificação das próprias experiências pessoais do aluno como elementos importantes na contribuição para aprendizagem em sala de aula;
- * uma tentativa de ligar a aprendizagem da linguagem em sala de aula com ativação da linguagem fora da sala de aula (Portela, 2006).

Contudo, o método comunicativo segue alguns padrões metodológicos que ajuda na aprendizagem do estudante, isto é, executa uma continuidade de atos como os de cumprimentar, socializar casualmente, experiências com auxílio de um objeto ou representação gráfica.

A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Para compreender o uso comunicativo de uma língua, é essencial a percepção dos assuntos que se relacionam a competência comunicativa do estudante de língua estrangeira.

Terrel (1977) argumenta convincentemente que as estratégias comunicativas são cruciais nos estudos iniciais da aprendizagem de uma segunda língua. Duas possíveis objeções no ensino de tais estratégias na aula de língua estrangeira (LE) são que são universais e se adquirem com a língua materna. Entretanto, Canale e Swain (1980) comentam que mesmo a estratégia geral como é a paráfrase, de fato, uma estratégia universal se usa na comunicação da língua materna, e se deve ensinar aos aprendizes como esta estratégia pode ser aplicada na LE.

Embora haja um consenso entre alguns pesquisadores como Lima (2012), Oliveira (2020) e Motter (2007) sobre a importância da competência estratégica no desenvolvimento da interlíngua no que diz respeito ao sucesso do aprendiz em sua comunicação na língua-alvo, essa competência tem se apresentado como um ponto bastante controverso na literatura da área.

Considerada por Tarole (1981) como componente fundamental da competência comunicativa, a competência estratégica pode ser definida como a habilidade de transmitir ou compreender com sucesso uma mensagem. Ainda, de acordo com estes autores,

o domínio das habilidades estratégicas em uma língua está relacionado a habilidade de transmitir informações para um ouvinte e, de formar correta, interpretar as informações recebidas. Além disso, inclui o domínio das estratégias de comunicação, usadas para lidar com problemas que podem aparecer durante a transmissão dessas informações (Tarole, 1981).

O método comunicativo, segundo Tarone (1981), teve como ênfase a “função da linguagem”, e sua teoria da aprendizagem possui alguns princípios, tais como:

- a) Aprendizagem que envolvia atividades de comunicação real;

b) Atividades em que a linguagem era voltada para habilidades de aprendizado.

Littewood (1984) demonstra alguns tipos de atividades e técnicas que são utilizadas no método comunicativo. Atividades comunicativas funcionais, no qual o aluno desenvolve uma habilidade linguística, mas que envolve a comunicação; atividades de interação social, tais como: conversação, seções de discussão, diálogos e brincadeiras.

Dentre os princípios da abordagem comunicativa por Canale (1983) pode-se destacar o conhecimento das necessidades de comunicação, levar em conta as necessidades dos alunos, colocando-os em situação real de comunicação e a interação da cultura da língua estrangeira com o conhecimento geral do aluno.

Entretanto, é importante lembrar que enquanto os métodos baseados na gramática quase sempre excluía o conhecimento comunicativo, os métodos comunicativos acreditam que a gramática deva estar a serviço da comunicação, ou seja, enquanto realizam a comunicação, preocupados em manter uma conversa significativa, inconscientemente, os estudantes aprendem as regras gramaticais.

Outro ponto a ser comentado é a divisão de ensino de uma língua estrangeira em 4 habilidades (falar, entender, ler e escrever uma língua) (Canale, 1983). Ao longo dos anos, com os avanços das metodologias, sempre se deu uma maior ênfase a um ou outro tipo de habilidade.

Os métodos comunicativos, por sua vez, que veem a língua como um meio de comunicação e acreditam que saber a língua significa ser capaz de se comunicar por meio dela, consideram esta visão das habilidades de uma maneira diferenciada (Rocha, 2006).

Alguns objetivos gerais da abordagem comunicativa foram definidos por Piepho (1981), que determinou os seguintes níveis de aplicação da língua:

- 1) a nível de conteúdo, que aborda a língua como um meio de expressão;
- 2) a nível linguístico e instrumental, que aborda as variações que ocorrem com o significado das palavras quando a comunicação se dá em diferentes situações, a partir de diferentes interlocutores, que por sua vez, possuem diferentes ideias e formas de expressão;
- 3) a nível de afetividade de relacionamentos e de conduta, que aborda a língua como um meio de expressar valores e julgamentos sobre si mesmo e sobre os outros;
- 4) a nível de necessidades individuais do aprendizado, que estimula o estudante;
- 5) a nível educacional geral (ensino fundamental ao ensino médio), que aborda os alvos linguísticos e extralinguísticos da língua dentro do currículo escolar (Piepho, 1981).

Estas propostas de Piepho (1981) têm como objetivos gerais aplicáveis a algumas situações de ensino, porém diversos linguistas propunham outros objetivos, fazendo surgir assim, polêmicas na discussão do programa de ensino comunicativo, o que acabou gerando, como já foi mencionado, diversos métodos comunicativos que envolvem inúmeras atividades.

Almeida Filho (1998) destaca que sempre envolveu a competência comunicativa, alguns de maneira mais tradicional e outros aprimorando o ensino, propondo atividades de conversação, diálogos,

teatros, debates, confirmando que o papel do aluno é de negociante, entre si mesmo, o processo de aprendizado é o objeto do aprendizado.

DIRETRIZES PARA UM ENFOQUE COMUNICATIVO

Um enfoque comunicativo é, por tanto, um enfoque integrador no objetivo principal de preparar e animar os aprendizes a explorar de uma forma limitada sua competência comunicativa de uma segunda língua com o propósito de realizar e participar de situações reais de comunicação. Ao pensar na qualidade da comunicação nas etapas iniciais da aprendizagem de uma segunda língua dependerá enormemente da competência comunicativa do aprendiz em sua língua, a motivação, a atitude dos professores, alunos e o uso afetivo de estratégias de comunicação por parte do aprendiz nas situações de comunicação.

Para Canale e Swain (1980), há cinco diretrizes que podem explicar de uma maneira mais completa a aprendizagem de uma segunda língua.

a) Extensão das áreas de competência: o enfoque comunicativo deve facilitar a “integração” das competências por parte do aluno e dar uma importância maior a uma área de competência através do programa de ensino de segunda língua.

b) Necessidades de comunicação: o aprendiz deve estar em contato em situações comunicativas autêntica e contato com falantes nativos.

c) As habilidades do aprendiz em sua língua materna: principalmente nas primeiras etapas da aprendizagem da segunda língua, deve-se fazer uso das habilidades de comunicação que o aluno desenvolveu no uso de sua língua materna e que são comuns nas habilidades da segunda língua.

d) Interação significativa e realista: o aprendiz de segunda língua deve ter oportunidades de tomar parte em interações comunicativas com falantes competentes (isto é, responder as necessidades e interesses de comunicação em situações reais da segunda língua).

e) Enfoque por meio do currículo: o objetivo principal de um curso de segunda língua voltado para a comunicação é proporcionar aos alunos a informação, prática e muita experiência para satisfazer as necessidades comunicativas, além de, ensinar os aprendizes sobre a linguagem e a cultura do país da língua a ser aprendida.

A abordagem comunicativa possui, também, uma outra característica que a diferencia dos métodos habituais: são poucas as restrições e as proibições. Não se proíbe a gramática, não se proíbe a tradução, se tolera um certo nível de erros. O critério moderador em todo o processo deve ser o domínio da finalidade última da linguagem que é a concentração na mensagem e a transmissão do conteúdo relevante para o interlocutor.

É importante reafirmar que a habilidade comunicativa se desenvolve por meio de processos internos do estudante e eles somente podem acontecer se os estudantes têm motivação e oportunidades para expressar sua própria identidade e para relacionar-se com as pessoas ao seu redor.

OS MÉTODOS COMUNICATIVOS E A RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Conforme a citação dada por Almeida Filho (1998), com a ênfase no processo da comunicação, ao invés do domínio das formas de linguagem, o estudante assume um novo papel de negociante, que emerge da interação do mesmo com o grupo de estudo e com os procedimentos e atividades em sala de aula. Ao invés de um simples repetidor de fórmulas, o aluno passa a se integrar ao aprendizado de forma que quanto mais ele contribui, mais ele ganha, aprendendo assim de uma maneira interdependente.

Enquanto ao aluno cabe este papel de cooperação e integração no ensino, o professor assume vários papéis que o diferenciam do antigo professor, que assumia as metodologias anteriores aos métodos comunicativos.

Segundo Breen e Candlin (1980), citados por Richards e Rodgers (1986) o professor tem dois papéis principais. O primeiro papel é o de facilitador do processo de comunicação entre todos os participantes da aula e entre esses vários participantes e os vários textos e atividades, levando o professor a atuar como um guia dentro dos procedimentos e atividades em sala de aula. O segundo papel é o de representar um participante independente dentro do grupo de ensino-aprendizado, buscando a organização dos recursos que auxiliarão no desenvolvimento das habilidades dos alunos. Além desses papéis, Breen e Candlin (1980) apud Richards e Rodgers (1986, p. 78) afirmam que “o professor ainda assume um terceiro papel importante, que é o de pesquisar e aprender para contribuir com um conhecimento apropriado, estando atualizado com as experiências de aprendizado que auxiliam no ensino.”

Uma contribuição importante, sobre a relação professor aluno, é dada por Leffa (1988) que coloca que os métodos que seguem a abordagem comunicativa

defendem a aprendizagem centrada no aluno não somente em termos de conteúdo, mas também nas técnicas usadas em sala de aula. O professor deixa de exercer seu papel de autoridade, de distribuidor de conhecimentos, para assumir o papel de orientador. O aspecto afetivo é visto como uma variável importante e o professor deve mostrar sensibilidade aos interesses dos alunos, encorajando a participação dos mesmos e acatando sugestões (Leffa, 1988, p. 227-228).

Diante disso, o professor assume o papel de analista quando se torna responsável em determinar e responder aos estudantes quais as necessidades do aprendizado de uma língua estrangeira. Isto pode ser feito informalmente e pessoalmente através de sessões com os estudantes onde o professor faz questões para descobrir as percepções dos mesmos, o seu estilo de aprendizagem e o alvo do aprendizado. Esta análise também pode ser feita formalmente, onde o professor esforça-se para criar no estudante uma motivação individual para que o estudo da linguagem atenda às necessidades do estudante.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve o intuito de mostrar e discutir algumas pesquisas realizadas na área de ensino de língua inglesa para as crianças.

Para alcançar o objetivo proposto utilizou-se da abordagem qualitativa que segundo Minayo (1994, p. 22) surge diante da “impossibilidade de investigar e compreender, por meio de dados estatísticos, alguns fenômenos voltados para a percepção, a intuição e a subjetividade”. Corroborando, salienta Godoy (1995),

[...] a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995).

Em relação aos procedimentos, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e documental visando uma revisão sistemática da produção científica sobre o tema proposto.

Para Lakatos e Marconi (2003), o conceito de pesquisa bibliográfica abrange vários aspectos,

[...] a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc, até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, que publicadas, que gravadas. [...] Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (Lakatos, Marconi, 2003).

Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica possibilita um aprofundamento do objeto de estudo, embasando, complementando ou respondendo questões referentes ao tema proposto, auxiliando, contudo, na construção da pesquisa, abrindo espaços para novas observações e indagações. Contudo, a pesquisa bibliográfica também se caracteriza de uma fonte secundária, pois o levantamento da bibliografia é de assunto que já foram publicados anteriormente (Lakatos e Marconi, 2003).

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica possibilita um aprofundamento do objeto de estudo, embasando, complementando ou respondendo questões referentes ao tema proposto, auxiliando, contudo, na construção da pesquisa, abrindo espaços para novas observações e indagações. Contudo, a pesquisa bibliográfica também se caracteriza de uma fonte secundária, pois o levantamento da bibliografia é de assunto que já foram publicados anteriormente (Lakatos e Marconi, 2003).

A pesquisa documental foi utilizada para analisar os trabalhos realizados na área de língua estrangeira para crianças.

De acordo com a autora Oliveira (2007.p. 69), a pesquisa documental [...] caracteriza-se pela busca de “informação em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

Vale salientar que a pesquisa documental vai ao encontro da pesquisa bibliográfica, no entanto, há um item díspar na natureza das fontes: a pesquisa documental remete a materiais que ainda não

passaram por um tratamento analítico, isto é, fontes primárias⁴, enquanto a pesquisa bibliográfica refere-se a contribuições de distintos autores sobre o tema, abordando as fontes secundárias.

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa de artigos publicados em revistas na área de Letras e Educação, na internet, sendo algumas classificadas pelo webqualis por A4, B2, no período de 2012 a 2018, buscando verificar a quantidade de estudos sobre língua estrangeira para crianças. Foram encontrados 8 artigos conforme a ser demonstrado no item a seguir.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O objetivo deste trabalho foi de mostrar a quantidade de pesquisas realizadas sobre o ensino de língua inglesa para as crianças em algumas revistas científicas nas áreas de Letras e Educação com classificação de impacto pela webqualis. A Tabela 1, mostra a quantidade de artigos publicados e a classificação de cada uma.

Tabela 1. Artigos sobre língua estrangeira para crianças em revistas. Fonte: Elaborada pelas autoras (2019).

Revistas	Classificação Webqualis	Nome do artigo	Ano de publicação
Ensiqlopedia	Sem classificação	O ensino de língua inglesa para crianças	2012
Entrelinhas	B2	Ensino de língua inglesa para crianças: sim ou não? As crenças de uma família em relação às línguas adicionais	2013
Revista estação científica	Sem classificação	O processo de aquisição de um segundo idioma em crianças e Adultos	2015
Sem nome	Sem classificação	O ensino da língua inglesa na educação infantil	2016
Disciplinarum Scientia	B3	O ensino da língua inglesa na educação infantil: “estamos sendo preparados para isso?”	2016
Sem nome	Sem classificação	O ensino de língua inglesa para crianças da educação infantil na Rede pública e a implementação de políticas públicas adequadas A este contexto	2017
Revelli	B2	Ensino de língua inglesa para crianças: um olhar sobre o desenvolvimento de atividades	2017
Revista X	A4	A ausência de políticas para o ensino de língua estrangeira no ensino fundamental: reflexões acerca da	2018

⁴ As fontes primárias são dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador (a) que analisa. Por fontes secundárias compreende-se a pesquisa de dados de segunda mão, ou seja, informações que foram trabalhadas por outros estudiosos e, por isso, já são de domínio científico, o chamado estado da arte do conhecimento (Sá-Silva et al., 2009).

obrigatoriedade da oferta nos currículos das escolas municipais públicas
--

Na tabela 1 é possível verificar os nomes das revistas que tiveram publicação sobre o ensino de língua inglesa para criança, a classificação da revista conforme a Webqualis e o ano de sua publicação. Nota-se que o ano de 2014 não foi encontrada nenhuma publicação sobre o tema.

Na sequência, passou-se a analisar mais profundamente cada trabalho buscando aqueles que realmente falavam sobre o tema em questão.

Tabela 2. Aprofundamento dos assuntos abordados nos artigos. Fonte: Elaborada pelas autoras (2019).

Artigos	Assuntos abordados
1 O ensino de língua inglesa para crianças	- A idade ideal para o aprendizado de uma língua estrangeira; - A hipótese do período crítico; - Meu filho está aprendendo?
2 Ensino de língua inglesa para crianças: sim ou não? As crenças de uma família em relação às línguas adicionais	- Teorias e mitos sobre o ensino/aprendizagem da Língua Adicional; - Hipótese do Período Crítico; - Teoria do Filtro Afetivo; - Dificuldades e desafios do ensino e da aprendizagem de Língua Adicional na Infância
3 O processo de aquisição de um segundo idioma em crianças e Adultos	- O Construtivismo de Piaget; - O Socioconstrutivismo de Vygotsky; - A Psicogenética Walloniana; - O Inatismo de Chomsky; - O Método Natural de Stephen Krashen e Tracy Terrell (Natural Approach); - A Abordagem Lexical de Michael Lewis (The Lexical Approach); - O Método de Resposta Totalmente Física de James Asher (TPR).
4 O ensino da língua inglesa na educação infantil	- Aquisição da primeira língua; - Teoria Behaviorista; - Teoria Inatista; - Teoria interacionista; - Teoria behaviorista (Contrastive Analysis Hypothesis - CAH); - Aquisição da segunda língua; - Hipótese do “Input” (exposição à informação); - Teoria de Krashen; - Hipótese do Filtro Afetivo; - Fatores que afetam o aprendizado da segunda Língua.
5 O ensino da língua inglesa na educação infantil: “estamos sendo preparados para isso?”	- Formação de professores; - Formação de professores de língua inglesa; - Ensino de inglês como língua estrangeira na educação infantil

	Artigos	Assuntos abordados
6	O ensino de língua inglesa para crianças da educação infantil na Rede pública e a implementação de políticas públicas adequadas A este contexto	- Políticas educacionais; - Educação infantil.
7	Ensino de língua inglesa para crianças: um olhar sobre o desenvolvimento de atividades	- O Papel do Professor de Língua inglesa para crianças; - O caminho para elaboração de atividades de ensino Língua inglesa para crianças;
8	A ausência de políticas para o ensino de língua estrangeira no ensino fundamental: reflexões acerca da obrigatoriedade da oferta nos currículos das escolas municipais públicas	- O que dizem os documentos oficiais sobre o ensino de Línguas estrangeiras? - Quem é o profissional que deve atuar no ensino de língua Estrangeira para crianças?

Na tabela 2 foi possível detalhar cada assunto abordado nos artigos visando identificar quais realmente traziam assuntos sobre o ensino de língua estrangeira para crianças.

Ao analisar profundamente os assuntos dos artigos, percebeu-se que apenas 5 artigos abordava o ensino de língua estrangeira para as crianças. Os artigos 1, 2, 4, 5, e 7, na tabela 2, que apresentaram maior aprofundamento do assunto, tendo em vista que os demais exploraram mais a questão de métodos, políticas educacionais, documentação e formação de professores. Os demais artigos exploram mais a questão do processo ensino aprendizagem em uma língua estrangeira para crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas pesquisas têm abordado o ensino aprendizagem de língua estrangeira para crianças, no entanto, para que se tenha um bom êxito há vários fatores interrelacionados, isto é, alunos e professores necessitam estar motivados e interessados, sendo o docente o agente que propicia um ambiente de interação.

Não basta apenas o docente possui grande conhecimento na língua estrangeira em foco, mas ele precisa conhecer as especificidades de cada criança e entender como ocorre o processo de aprendizagem com cada uma delas.

Este artigo teve como objetivo mostrar e discutir algumas pesquisas realizadas sobre o ensino de língua inglesa para as crianças.

Uma das limitações deste estudo foi de encontrar poucos artigos na área em estudo, foi visto mais monografias, dissertações e teses, do qual os autores não realizaram publicação de artigos. Além disso, também foram encontradas publicação sobre o tema em anais de eventos e livros. No entanto, isso não desmerece o trabalho, tendo em vista que foi demonstrado a quantidade de artigos científicos publicados no período de 2012 a 2018 sobre o ensino da língua estrangeira para crianças.

Este estudo deixa uma oportunidade para novas pesquisas visando averiguar quais os motivos dos quais ocorreram poucas publicações sobre o tema de ensino de língua estrangeira para crianças, tendo em vista que é um assunto bastante discutido em cursos de licenciaturas voltado ao ensino de línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida Filho JCP (1998). Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas, SP – Pontes. 114p.
- Breen M; Camdlin CN (1980). The essentials of a communicative curriculum in language teaching. *Applied Linguistics*, (1): 89-112.
- Canale M (1983). From communicative competence to communicative language pedagogy. In: Richards, J & R. Schmidt (eds) *Language and communication*. London, Logman. (1): 2-14.
- Canale M; Swain M (1980). Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, (1): 1-47.
- Carvalho T (2007). Artes Visuais na Educação Infantil Bilingue. In: Tonelli JRA, Ramos SGM (Orgs.) *O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições*. Londrina: Moria, (1): 77-106.
- Godoy AS (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: *Revista de Administração de Empresas*, (35): 57-63.
- Lakatos EM; Marconi M de A (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo, SP. Atlas. 392p.
- Leffa V (1988). Metodologia do ensino de línguas. In: Bohn H. I; Vandresen, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, (1): 211-236.
- Lima AP (2008). Ensino de língua estrangeira para crianças: o papel do professor. *Cadernos de Pedagogia*, (2): 293-305.
- Lima AP; Margonari D (2012). A prática de ensino e a formação de professores de inglês para crianças. In: Rocha, C. H.; Tonelli, J. R.; Silva, K. A. *Língua estrangeira para crianças: ensino-aprendizagem e formação docente*. Campinas: Pontes. 187-202p.
- Littlewood WT (1975). Role-performance and language-teaching. *International Review of Applied Linguistics*. (13) 199-208p.
- Littlewood WT (1984). *Foreign and second language learning: language acquisition research and its implications for the classroom*. Cambridge University Press. 114p.
- Minayo MC de S (1994). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes. 41p.
- Motter RMB (2007). Reflexões sobre o ensino de línguas estrangeiras na infância. *Educere et Educare*. Cascavel: Unioeste, (2): 79-87.
- Nunan D (1992). *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press. 249p.
- Oliveira MM de (2007). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes. 224p.

- Oliveira JVF de (2020). Aquisição da língua inglesa: aprender e brincar ou brincar e aprender?. Revista Educação Pública, (20): 1-4.
- Piepho HE (1981). Establishing objectives in the teaching of English. In C. Candlin (Ed.), *The Communicative Teaching of English: Principles and an Exercise Typology* (pp. 8-23) London: Longman
- Piepho HE (1981). Establishing objectives in the teaching of English. In: Candlin C (ed.), *The Communicative Teaching of English: Principles and an Exercise Typology* (pp. 8-23) London: Longman
- Piepho HE (1981). Establishing objectives in the teaching of English. London: Logman. 229p.
- Pires SS (2011). Ensino de inglês na Educação Infantil. In: Sarmiento, S; Muller, V. (Orgs.). *O ensino de inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões*. Porto Alegre: Apirs. 19-42p.
- Portela KCA (2006). Abordagem Comunicativa na aquisição de língua estrangeira. In: Revista Expectativa: Unioeste, (5): 01-18.
- Richards JC; Rodgers TS (1986). *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge Press. 90p.
- Rocha CH (2006). Provisões para ensinar LE no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª Séries: dos parâmetros oficiais e objetivos dos agentes. Campinas: IEL/UNICAMP. 340p.
- Souza ACF de; Mello MGB de (2008). Crenças, práticas e conteúdo adaptado: uma professora de inglês-LE na Educação Infantil. Rio de Janeiro: Caderno Seminal Digital. (10): 6-18.
- Tarone EE (1981). Some thoughts on the notion of communication strategy. *Tesol Quarterly*, (15): 95-285.
- Tarone E (1972). A suggested unit for interlingual identification in pronunciation. *Tesol Quarterly*, (6): 325-331.
- Terrell TD (1977). *A Natural Approach to Second Language Acquisition and Learning*. *The Modern Language Journal- JSTOR*, (61): 325-337.
- Tomboosi HH de F (2007). Investigating language play in interaction: a study with children as foreign language learners. In: Tonelli JRA; Ramos SGM (Orgs.). *O ensino de LE para crianças: reflexões e contribuições*. Londrina: Moriá, (1): 77-106.
- Tonelli JRA (2008). Histórias Infantis no Ensino da Língua Inglesa para Crianças. In: Silva KA da; Alvarez MLO. (Org.). *Perspectivas de Investigação em Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes Editores, (1): 185-202.
- Vygotsky LS (1987). Thinking and speech. In: Rieber RW; Carton AS (Eds.). *The collected works of L. S. Vygotsky*. New York: Plenum Press, (1): 39-285.

ÍNDICE REMISSIVO

A

aluno com deficiência, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52,
53, 54, 55, 56
aprendizagem, 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24
arqueologia, 35, 36, 38, 41, 42, 43
arqueologia pública, 35, 36, 38
atuação multidisciplinar, 51, 54

C

centro de atendimento educacional
especializado, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 54, 55,
56
crianças, 14, 25

E

educação especial, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53,
54, 55, 57
educador, 6, 7, 8, 10, 11

ensino, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25

G

gestão educacional, 8

I

inclusão educacional, 56
informação, 15, 18, 20, 22

L

Língua Estrangeira, 14

P

patrimônio cultural, 36, 37, 41, 42, 43

S

salvamento arqueológico, 35
sítio arqueológico, 35, 38, 41, 42

SOBRE O ORGANIZADOR

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul.

Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



ISBN 978-658831999-4



9 786588 319994

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

